

JUL./AGO. 1986 - Nº 4

Ministério

Adventista

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



**O Vinho
e as Sagradas
Escrituras**

“Senhor Meu e Deus Meu”

**Quando o Profeta se
Torna Engenheiro**



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 - km 106
Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obrheiros

Adventista

Ano 55 — Número 4 Jul./Ago. 1986

Gerente Geral:

Carlos Magalhães Borda

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

Redator:

Almir A. Fonseca

Diretor de Arte:

Rogério Sorvillo Vieira

Programador Visual:

Cláudio Sampaio de Oliveira

Capa:

A. Rios

Colaborador Especial:

Daniel Belvedere

Colaboradores:

João Wolff, Severino Bezerra
Pável Moura, Jefte de Carvalho
Luís Nunes

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF
Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira.

6775

EDITORIAL

3 MORTE E RESSURREIÇÃO DE UM PASTOR

Carlos E. Aeschilimann

ARTIGOS

5 "SENHOR MEU E DEUS MEU"

Daniel Scarone

8 MCGAVRAM FALA SOBRE O CRESCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA

12 QUANDO O PROFETA SE TORNA ENGENHEIRO

15 O VINHO E AS SAGRADAS ESCRITURAS

19 NASCIDOS PARA REVELAR O MELHOR DA VIDA

22 CRÍTICA DO PONTO DE VISTA PRÉ-QUEDA

Morte e Ressurreição de um Pastor

O pastor que morreu e ressuscitou é o Dr. Paul Yonggi Cho, pastor da maior igreja protestante do mundo, com 350.000 membros, em Seul, Coréia.

Paul era um jovem e ambicioso ministro que sonhava ter a maior igreja de seu país. No primeiro ano, orou que o Senhor lhe concedesse 150 almas, e as obteve. No segundo ano, pediu 300 almas, e também as ganhou. No terceiro ano, orou por 600 almas, e o Senhor lhas concedeu. Por último pastoreava uma igreja de 2.400 membros.

O Pastor Paul Yonggi Cho estava, porém, cometendo um grave erro que quase o levou para a sepultura: "Eu estava realizando grandes coisas para o Senhor, correndo desesperadamente desde cedo de manhã até tarde da noite, mas os meus nervos estavam arruinados. Sofria constante fadiga, mas continuava forçando a mim mesmo, pregando, aconselhando, visitando, ministrando aos enfermos. Achava-me em contínuo movimento."¹ Qual era o erro do Pastor Yonggi Cho? Ele mesmo o explica: "Eu cria que devia fazer tudo por mim mesmo. Considerava-me um vaso escolhido por Deus e pensava que Deus só podia usar a mim."² O erro terrível e quase fatal do Pastor Yonggi era trabalhar arduamente, mas sozinho, o que por fim lhe ocasionou um colapso total que arruinou sua saúde por dez anos. Graças ao Senhor, não morreu fisicamente; morreu, porém, o seu ministério solitário e equivocado.

Durante os meses em que permaneceu prostrado, estudou cuidadosamente a Bíblia e em especial a organização da Igreja apostólica. Como resultado, ressuscitou para um ministério totalmente renovado: "O Senhor quis mostrar-me que eu precisava delegar responsabilidades na igreja."³ Organizou os membros de sua igreja em células nos lares, o que produziu um crescimento fenomenal e uma verdadeira revolução no evangelismo. O velho Pastor Yonggi, que trabalhava arduamente, mas sozinho, mor-

reu para sempre, e nasceu um dos líderes evangélicos mais conspícuos do presente século, que se dedica com fervor a recrutar e capacitar milhares de leigos, obtendo assim resultados extraordinários. Ele desenvolveu o conceito das células nos lares como centros de culto e evangelismo; incorporou em grande escala as mulheres na obra da evangelização e descobriu princípios de crescimento que têm sido aplicados em muitas partes do mundo. Yonggi explica que tudo começou quando ele viu que "a delegação de responsabilidade e autoridade é definitivamente uma parte da vontade de Deus".⁴

Em Êxodo 18, temos uma experiência quase similar: Moisés, o grande homem de Deus, labutava arduamente de manhã até à noite, resolvendo toda a espécie de problemas. Seu sogro Jetro lhe perguntou: "Que é isto que fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até ao pôr do Sol?"⁵ Moisés estava seguro e até orgulhoso da importância de sua tarefa, por isso respondeu com segurança e um pouco de arrogância: "É porque o povo me vem a mim para consultar a Deus;... para que eu julgue entre um e outro, e lhes declare os estatutos de Deus e as Suas leis."⁶ Moisés estava convencido de que era a única pessoa capaz de realizar tão delicada tarefa. No entanto, para sua surpresa, o sogro lhe disse sem rodeios: "Não é bom o que fazes. Sem dúvida desfalecerás, assim tu, como este povo que está contigo: pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer."⁷

Jetro percebeu que Moisés corria o perigo de um colapso por querer fazer tudo sozinho; percebeu também que o povo se rebelaria contra esse sistema; por isso continuou paternalmente: "Eu te aconselharei, e Deus seja contigo."⁸ Qual foi o conselho de Jetro? Muito simples, muito sensato e muito adequado: 1) Escolher homens capazes e virtuosos, 2) ensinar-lhes as leis e os estatutos

tos, 3) delegar responsabilidades neles, 4) confiar no bom senso e critério desses auxiliares, 5) ser dirigente e mestre, trabalhando com uma equipe escolhida e habilitada. Uma das razões da grandeza de Moisés é que ele ouviu o acertado conselho, colocou-o imediatamente em prática, e o êxito não se fez esperar. O trabalhador sobrecarregado, acabrunhado e solitário se transformou num líder e mestre, com ótimos resultados para todos.

Jesus nunca trabalhou sozinho. Os discípulos sempre O acompanhavam e aprendiam diariamente do Mestre. Jesus dedicou Seus melhores esforços para ensinar a esses homens como realizar a obra. "Ele estava pessoalmente com eles para indicá-los os seus erros, aconselhá-los e corrigi-los."⁹ O resultado não se fez esperar: "Haviam escutado Seus discursos, haviam andado e falado com o Filho de Deus, e de Sua instrução diária tinham aprendido a trabalhar para a elevação da humanidade."¹⁰

Paulo também não trabalhou sozinho. Sempre estava acompanhado de fiéis auxiliares que depois assumiam maiores responsabilidades. Uma parte importante de seu trabalho era a formação de dirigentes. Ele era um mestre que forjava líderes para a Igreja, multiplicando desse modo a utilidade de seu ministério: "E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuos, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido."¹¹

Qual é sua experiência, estimado pastor? Você trabalha como o velho Pastor Yonggi, ou como o novo? Seus métodos para dirigir a igreja são como os de Moisés antes de Jetro, ou depois de Jetro? Conheço muitos pastores que se ufanam de trabalhar intensamente, mas sozinhos; por isso não conseguem entender por que suas igrejas não os apreciam. Suas esposas e filhos se queixam, e em poucos anos sua saúde se debilita.

Consideremos algumas declarações surpreendentes do Espírito de Profecia. "O ministro não deve sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações."¹² "A idéia de que o ministro deve arcar com todos os encargos e fazer todo o trabalho, é grande erro."¹³ "É erro fatal supor que a obra de salvação de almas depende só do ministério."¹⁴ Será possível que um ministro esteja trabalhando arduamente, e, no entanto, cometa um "grande erro", ou pior ainda, um "erro fatal"? O grande erro não consiste em trabalhar arduamente, e, sim, no método de trabalhar, isto é, trabalhar só.

Qual é, então, o plano de Deus? "A Igreja

é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que Sua Igreja reflita para o mundo Sua perfeição e competência."¹⁵ "Toda alma que Cristo salvou, é chamada a atuar em Seu nome pela salvação dos perdidos.... Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário." Se o pastor trabalha só, está estorvando o plano de Deus, prejudicando o desenvolvimento dos membros e atrasando a terminação da obra. "Os pastores não devem fazer a obra que pertence à igreja, cansando-se, e impedindo que outros desempenhem seu dever. Devem ensinar os membros a trabalhar na igreja e na comunidade."¹⁷

Qual é, portanto, a genuína missão do pastor? Nem mais nem menos que pôr a igreja a trabalhar, atribuindo uma tarefa a cada membro, segundo os seus dons.

O pastor é um pedagogo que ensina, um general que adentra o maior número possível de soldados, um diretor de orquestra que dirige um grande número de músicos, um técnico que instrui a maior quantidade de obreiros. O pastor conhece o trabalho, mas não o faz sozinho, assim como um general jamais travaria uma batalha sozinho, ou um diretor de orquestra nunca pretenderia dar um concerto sem os seus músicos. Seu êxito consiste em recrutar, capacitar e pôr a trabalhar a maior quantidade de membros de igreja.

A missão do pastor está claramente definida em Efésios: "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo."¹⁸ A obra do ministério não é uma exclusividade do pastor, mas a obra de todos os santos, sendo o principal papel do pastor ensinar e aperfeiçoar os santos para o ministério e depois desempenhá-lo junto com eles. "Muitos pastores falham em conseguir, ou em não tentar, que todos os membros da igreja se empenhem ativamente nos vários ramos da obra. Se os pastores dessem mais atenção a pôr e manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haviam de realizar mais benefícios, ter mais tempo para estudar e fazer visitas missionárias, e também evitar muitas causas de atrito."¹⁹

O autor trabalhou arduamente por muitos anos, convencido de que pregar, dar estudos bíblicos, preparar candidatos, minis-

trar aos enfermos e necessitados era "sua missão", até ficar tão enfermo que seu ministério quase terminou. Graças ao Senhor, compreendi o plano divino, e agora minha principal tarefa é adestrar e ensinar aos pastores como recrutar, habilitar e utilizar os leigos. Tenho dirigido gigantescas campanhas evangelizadoras, só com a ajuda de leigos bem adestrados, obtendo os maiores resultados de meu ministério.

No México, o jovem Pastor Robinson Méndez há dois anos ganha mais de mil almas por ano em seu distrito e organiza dezenas de novas igrejas e congregações. O seu método consiste em preparar evangelistas, instrutores bíblicos, carteiros missionários e leigos que trabalham junto com ele. Dedicar uma parte substancial de seu tempo para instruir os membros a realizar obra missionária e atender e administrar a igreja.

Estimado pastor: Não seria bom que você também "morresse" e "ressuscitasse"? Isto poderia ser a experiência mais extraordinária de sua vida. O Espírito de Profecia nos diz: "Os que ocupam lugar de líderes na igreja de Deus devem sentir que a missão do Salvador é dada a todos os que creem no Seu nome."²⁰ "A obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa igreja não cerrem fileiras, e juntem seus esforços aos dos ministros e oficiais de igreja."²¹

Imaginemos que Jetro nos visitasse e observasse nosso desesperado e infrutífero trabalho solitário. Ele nos diria: "Querido pastor, não é bom o que fazes. O trabalho é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer. Sem dúvida desfalecerás, assim tu, co-

mo tua igreja. Escuta o meu conselho: Escolhe leigos capazes, tementes a Deus, homens de verdade, para que dirijam campanhas evangelísticas, dêem estudos bíblicos e organizem classes batismais. Além disso, devem ajudar-te a administrar a igreja e realizar o trabalho pastoral. Será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo."²²

Qual será nossa reação? Seria bom que procedêssemos como Moisés: "Moisés atendeu às palavras de seu sogro, e fez tudo quanto este lhe dissera. Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta, e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo o tempo."²³

Sim, prezado pastor, cumpre trabalhar arduamente, mas nunca sozinho, e, sim, de acordo com o plano de Deus: "Que os ministros e membros leigos saiam para os campos a amadurecer."²⁴

Referências

1. Dr. Paul Yanggi Cho, *Successful Home Call Groups*, pág. 4.
2. *Idem*, pág. 5.
3. *Idem*, pág. 15.
4. *Idem*, pág. 19.
5. Êxodo 18:14.
6. Êxodo 18:15 e 16.
7. Êxodo 18:18.
8. Êxodo 18:19.
9. Ellen G. White, *El Deseado de Todas las Gentes*, pág. 315.
10. *Ibidem*.
11. Atos 14:23.
12. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 69.
13. *Idem*, pág. 68.
14. *Ibidem*.
15. *Idem*, pág. 15.
16. *Idem*, págs. 10 e 9.
17. Ellen G. White, *Historical Sketches*, pág. 291.
18. Efésios 4:11 e 12.
19. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 70.
20. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 110.
21. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 365.
22. Ver Êxodo 18:17-22.
23. Êxodo 18:24-26.
24. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 67.

"Senhor Meu e Deus Meu"

Quase no final do quarto Evangelho, acha-se registrada uma surpreendente exclamação apostólica, que encerra uma das mais notáveis declarações de fé encontradas da Bíblia.

Tomé era um dos doze discípulos do Senhor (S. João 20:24). Por razões que desconhecemos, não estivera presente quando o Senhor Jesus apareceu aos discípulos (S. João 20:24 cf. 20:19-23). Quando, ao regressar, encontra-se novamente com o grupo apostólico, Tomé observa a alegria e sobres-

salto, e a primeira notícia que recebe é: "Vimos o Senhor" (verso 25). Embora estivesse identificado com os seguidores de Cristo, pois ainda estava com eles depois da crucifixão e morte do Senhor, não conseguia agora acreditar na notícia unânime. Sua resposta é muito pragmática: "Se eu não vir os sinais dos cravos em Suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no Seu lado, de maneira nenhuma o creerei" (verso 25).

Deus sempre proporciona abundante evi-

DANIEL SCARONE

dência sobre que podemos apoiar nossa fé. Não constitui método divino compelir os homens a crerem contra sua própria vontade. Se, porém, todos os homens agissem como Tomé, nenhum ser humano de geração posterior teria aceito a Cristo, porque todas as demais gerações teriam que aceitá-Lo por fé e não por vista (II Cor. 5:7).

A prova que o apóstolo sugere, pode ser que seja atrativa para alguns. Contudo, seria interessante saber o que fariam em seu lugar muitos que consideram Tomé como céptico. Possivelmente a fé de Tomé se foi alimentando lentamente. Em cada ato de Cristo, divisava algo grandioso e notável naquele que, a seus olhos, era um ser humano. A morte, porém, daquele que havia dado vida aos mortos, vista aos cegos e alimento aos necessitados, deixou em dubitativo silêncio a fé que o apóstolo havia alimentado. Agora já não dava crédito ao testemunho que recebia, e que unânime e alegremente lhe davam os companheiros.

Depois de uma semana, todos os discípulos estavam reunidos, e com eles Tomé. Subitamente, Jesus Se apresenta na reunião apostólica e, embora todos fiquem surpresos, Tomé é quem mais assustado fica.

Cristo dirige-Se a ele e, diante do assombro do apóstolo, dispõe-Se a cumprir todas as condições que este havia estabelecido para basear sua fé. Algo, porém, estabelece a diferença, uma onisciente diferença: Cristo não estivera presente — pelo menos de maneira visível — quando Tomé estabeleceria suas condições e pronunciara seus "se não vir". Todavia, na mesma ordem em que o discípulo expôs sua dúvida, o Senhor apresenta a evidência para sua frágil fé. As palavras do Senhor atingem o seu ponto culminante naquele encontro com Seus assustados e atônitos discípulos, com uma delicadíssima repreensão divina, dirigida a Tomé: "... e não sejas incrédulo, mas crente" (verso 27).

Agora era a vez de o discípulo falar, e aquele que momentos antes estabelecia condições para fundamentar sua fé, pronunciava uma das confissões de fé mais notáveis da Bíblia, uma confissão que, em sua dimensão teológica, possivelmente supere à do próprio Pedro. Disse Tomé: "Senhor meu e Deus meu" (verso 28).

Senhor e Deus

Os lábios de Tomé pronunciaram duas palavras sacratíssimas. A expressão *Kyrios* (Senhor), refere-se a alguém que tem poder.¹ *Kyrios* é alguém que pode dispor de

algo, como também de alguém.² Essa mesma palavra se aplica tanto a deuses como a governantes.³ Em si mesmo, porém, esse título divino, agora aplicado a Cristo, tem muito valor, um valor semântico incalculável, pois *Kyrios* é a expressão grega utilizada pela Setuaginta (LXX) para traduzir o nome divino *YHWH*. *Kyrios* aparece umas 9.000 vezes na LXX, 6.156 das quais traduz dessa forma, para o grego, o sagrado tetragrama hebraico *YHWH*.⁴

Por sua vez, a palavra *Deos* é utilizada na LXX para traduzir o vocábulo *Elohim*.⁵ É sempre usada para referir-se ao Deus único de Israel.⁶

O judaísmo fazia clara distinção entre o uso dos nomes divinos. Fazia distinção entre: 1) o tetragrama *YHWH*, como o nome próprio de Deus, 2) os títulos *El*, *Eloha* e *Elohim*, como os nomes genéricos que denotam Seu título e Seu ofício, e 3) as expressões que descrevem a Deus do ponto de vista de Seus atributos: o Santo, o Altíssimo.⁷ Dificilmente estas modalidades, na forma de relacionar-se com o Deus de seu povo, eram desconhecidas para Tomé, que confessa sua fé em Cristo. Nem João também, que registra a confissão tomista, as desconhecia. O que reúne um depoimento sumamente importante no que se diz, e no que se quer dizer.

A ordem na exclamação

A expressão apostólica tem uma ordem definida. Não é uma ordem casual. Coincide com as expressões com as quais a LXX traduz o título divino *YHWH ELOHIM*. Reiteradas vezes encontramos essa expressão traduzida como *Kyrios* ou *Deos*. Os Salmos são abundantes em exclamações de fé e confiança no Deus de Israel, que utilizam a fórmula divina *YHWH ELOHIM*, e que sistematicamente são traduzidas como *Kyrios* e *Deos*.⁸ Esta, indubitavelmente, era uma expressão muito comum, com a qual os israelitas cantavam ao Deus que era objeto de sua confiança e de sua fé.

Não podemos esquecer o elemento psicológico, subjacente em toda a relação humana, mediante aquilo que facilmente se pode inferir: que uma mentalidade hebraica — como a de Tomé — estivera repleta de expressões relacionadas com a Divindade e, que agora, num momento de surpresa, diante do inesperado, em um instante em que a realidade inverte todos os conceitos pessoais defendidos até aquele momento, o apóstolo reconhece a Cristo, atribuindo-Lhe títulos antigo-testamentários, igualando-O ao Deus de Israel.

Por outro lado, a expressão *Kyrios* ou

Deos também compõe, com certas variantes, o grande credo de Israel, conhecido como a *Shema* (que significa ouve).⁹

É interessante lembrar que durante as confrontações judaico-cristãs medievais, os cristãos utilizaram a *Shema* (Deut. 6:4) para defender o seu credo trinitariano. Essa argumentação cristã se tornou difícil de ser contestada pelos judeus, que faziam uma hermenêutica literal do texto, ressaltando a unicidade de deus, em contraposição com o credo pagão.¹⁰

Que viam os eruditos cristãos em Deut. 6:4? Em primeiro lugar, que o nome divino é repetido três vezes; duas como YHWH e uma como *Elohehu*. Nos escritos do Rabi Moisés Maimonides, acha-se essa afirmação: "Creio plenamente que o Criador, louvado seja Seu nome, é uma unidade; que não há outra unidade semelhante a Ele e que só Ele é nosso Deus, que era, que é e que há de ser. 'Ouve, ó Israel, YHWH, Elohehu, YHWH é uno! Estes três são um. Como podem os três ser um? ... É que três modos ainda formam uma unidade'.¹¹

Em segundo lugar, os eruditos cristãos percebiam que se fazia uso do vocábulo *ékad*. Essa palavra hebraica aparece pela primeira vez no relato bíblico da Criação, onde se diz: "E foi a tarde e a manhã o dia (*ekad*) primeiro (Gên. 1:5). Nessa passagem, observamos que duas manifestações diferentes do tempo: a tarde (ou noite) e a manhã (o dia), fundem-se em uma unidade chamada "o dia". O mesmo acontece quando o relato bíblico se refere ao casamento. "Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma (*ekad*) carne" (Gên. 2:24). Neste verso, fala-se do homem e da mulher como uma unidade (*ekad*), mas são dois seres individuais e também distintos. Em que sentido são uma unidade? Estão unidos por sua natureza, propósito, cooperação, e operam juntos para a manutenção da vida familiar.

Não são uma unidade no sentido de estarem ambos imersos na mesma essência e na personalidade de um mesmo ser. Essa palavra (*ekad*) denota unidade, plena e total, mas uma *unidade composta* e não uma unidade de absoluta unicidade, para a qual o hebraico utiliza a palavra *yachid*.

O que havia na mente do apóstolo, quando exclamou: "Senhor meu, e Deus meu", não sabemos. A única coisa que realmente sabemos é aquilo que esteve em seus lábios. E estes confessam, na pessoa de Cristo, o grande Deus de Israel — o Deus da *Shema*, ao qual diariamente se confia todo verdadeiro crente. O Deus que é objeto de cânticos e de adoração, o Senhor que "fez a Terra e os Céus" (Gên. 2:4). Um Deus capaz, em Sua magnitude, de dizer a um homem como Tomé: "Põe aqui o teu dedo... e não sejas incrédulo, mas crente" (S. João 20:27).



1. Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of The New Testament* (Grand Rapids, Michigan, Wm. B. Eerdmans, 1967), pág. 1.041.

2. *Idem*, pág. 1.045.

3. *Idem*, pág. 1.046.

4. Colin Brown, ed., *Dictionary of the New Testament Theology* (Grand Rapids, Michigan, Zondervan, 1976), vol. 2, págs. 511 e 512.

5. Kittel, *Theological Dictionary*, vol. 3, pág. 90.

6. *Ibidem*.

7. *Idem*, vol. 3, pág. 92.

8. Salmos 35:23; 30:2; 30:12; 35:24; 38:21; 41:13; 59:5; 72:18; 76:11; 80:4; 80:19; 84:8; 84:11; 88:1; 99:8; 99:9; 100:3; 104:33; 105:7; 106:47; 106:48; 109:26; 113:5; 122:9; 123:2; 146:10.

9. Deut. 6:4.

10. *Encyclopedia Judaica* (Keter Pub. House Ltd., Jerusalém, 1971), vol. 14, pág. 1.374, diz: "Os comentaristas judaicos naturalmente se deram ao trabalho de contestar isto..."

11. Moisés Ben Maimonides, "The Thirteen Principles of Faith", *Zohar III* (Londres, The Soncino Press, 1949), pág. 134.

COMPARAÇÃO ESQUEMÁTICA

REFERÊNCIA	CONTEÚDO	FONTE
Tomé diz:	"Senhor meu, e Deus meu" "o Kyrios mu o Deos mu"	Almeida (ERC) Original
Salmo 30:12	"Senhor Deus meu" "Kyrie o Deos mu"	Almeida (ERC) LXX
S. Marc. 12:29	"O Senhor nosso Deus" "Kyrios o Deos emon"	Almeida (ERC) Original
Deut. 6:4	"Senhor nosso Deus" "Kyrios o Deos emon"	Almeida (ERC) LXX
Deut. 6:4	"Senhor nosso Deus" "YHWH Elohehu..."	Almeida (ERC) Originalo heb.

McGavran Fala Sobre o Crescimento da Igreja Adventista

ENTREVISTA DE Stan Hudson *

*Stan Hudson é pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Whittier e postulante a um título de doutor no Seminário Teológico de Fuller, em Pasadena, Califórnia. O Dr. Donald McGavran é o fundador e deão emérito da Escola das Missões Mundiais do Seminário Teológico de Fuller. Como missionário e erudito, dedicou os quarenta e cinco anos passados a estudar como e por que crescem as igrejas.

Contudo, entre as muitas coisas que ele fez, estão procurar e salvar os perdidos. Qualquer igreja que não se dedique constantemente a procurar e salvar os perdidos é uma igreja imatura. Se o Senhor Jesus fosse falar a ela em forma corpórea, diria: "Eh! por que você não está fazendo o que gastei a vida para fazer?"

O Dr. Donald McGavran é grandemente considerado como o fundador do movimento do Crescimento da Igreja moderna. Stan Hudson, candidato a uma graduação pelo Seminário Teológico de Fuller, entrevistou McGavran acerca de como a Igreja Adventista do Sétimo Dia se ajusta em seu movimento, e o que podemos aprender disto.

Os comentários de McGavran poderão ser interessantes e valiosos para o clero de todas as confissões religiosas.

Hudson: *Dr. McGavran, o que é a igreja em todo o mundo? Qual a sua principal atividade?*

McGavran: O Novo Testamento diz que a igreja é uma comunidade de fiéis, que continua na pregação e ensinamento dos apóstolos, na oração, no partir do pão. Ela é o corpo de Cristo e deve fazer a obra de Cristo.

Hudson: *Qual é a obra de Cristo?*

McGavran: A obra de Cristo é muito vasta. Consiste em vida cristã, adoração a Deus; é estar-se constantemente relacionado com o que o Senhor fez.

Hudson: *Uma observação com respeito ao movimento de Crescimento da Igreja é que ela está preocupada com números. O senhor concorda?*

McGavran: Sim, eu diria que ela está preocupada com números no mesmo sentido em que toda mãe se preocupa com números. Se uma mãe tiver oito filhos e sete deles se desviarem, enquanto apenas um continua obediente e amoroso, ela não dirá: "Bem, ainda me resta um. Não me preocupo com os outros. Não estou interessada em números! Ela não pensaria em dizer isto! E a Igreja também.

Hudson: *Então, para sermos fiéis à ordem de Cristo, devemos também preocupar-nos com números?*

McGavran: Nós nos preocupamos com números. O número dos redimidos jamais é insignificante. O número dos perdidos nunca é banal. Eles são filhos de Deus. E os perdidos estão lá fora, apascentando porcos!

Hudson: *Nesse caso, uma pessoa é um número.*

McGavran: Sim, uma pessoa é um número. Agora, números em outro sentido, os quais desejo ter para que minha igreja seja maior do que a sua, a fim de que o meu nome apareça na denominação — isto, naturalmente, é reprovável.

Hudson: *Podemos seguir outro rumo e dizer: "Deixaremos tudo com o Senhor; estaremos bastante ocupados até que Ele venha", e não estar preocupados com números de maneira alguma?*

McGavran: Não, não creio que possamos. O testemunho claro de toda a Bíblia é que Deus quer que todas as pessoas da Terra se salvem. Os defensores do Crescimento

da Igreja estão dizendo apenas: "Deus está fazendo isso por nosso intermédio. Deus ordena que façamos isto. Quem somos nós para dizer: 'Não quero fazer isto, Senhor'?"

Hudson: *Um dos aspectos controvertidos do movimento do Crescimento da Igreja tem sido o realce à "unidade homogênea". Pode o senhor definir esse princípio e dizer-nos como ele se refere ao crescimento da Igreja?*

McGavran: Anos atrás, eu estava conversando com um pastor adventista em Filadélfia. Disse-me ele que na Pensilvânia os adventistas cresceram bem por volta de cem anos atrás. Nos 30 ou 40 anos passados, contudo, seu crescimento se tem limitado aos que nascem na Igreja. Ele enfrentava o grande problema de alcançar as multidões "lá de fora", aqueles que nunca entraram em contato com os adventistas. Aumentar a igreja por meio do crescimento de filhos cristãos é bom, mas é muito limitado. Se os cristãos fossem apenas os descendentes dos doze apóstolos, não seríamos mais do que uma pequena Igreja! Devemos alcançar constantemente os de fora.

Contudo, as multidões lá de fora não existem apenas como pessoas. Existem como unidades distintas. São canadenses franceses, ou imigrantes portugueses, negros, ciganos, colombianos, chineses ou japoneses. E cada um dos grupos mencionados possui muitas subdivisões. Há muitas espécies de japoneses: japoneses das classes proletárias e japoneses grandemente cultos, e assim por diante. É por isso que as Escrituras dizem que devemos fazer discípulos *panta ta ethné*. (Estou citando S. Mat. 28:19). *Panta* significa "todas"; *ta ethné*, "unidades étnicas" da humanidade. Dessa forma, o princípio da unidade-homogênea diz simplesmente que há lá fora uma porção de unidades étnicas. Os cristãos devemos descobrir que elas estão ali. Devemos ver as muitas peças do mosaico da humanidade. Cumpre-nos levar a Cristo todas as *ethné*. Ele ordena isto.

Hudson: *Como fazer esse trabalho numa estratégia de busca aos de fora?*

McGavran: Cada *ethnos* não é exatamente uma unidade da humanidade. É uma unidade de algum segmento definido da sociedade. Às vezes é uma unidade racial, outras vezes uma unidade lingüística.

Se você for às pessoas que falam o francês em Louisiana e lhes falar em inglês, elas não o entenderão. E se desejasse

convidá-las para ir a uma igreja onde se fala apenas o inglês, elas não se sentiriam à vontade. Mas se você começar com uma igreja na qual sua forma de francês, o francês acadiano, é falado, e onde a maioria dos membros é acadiana e onde há diáconos franceses acadianos e anciãos e pastor franceses acadianos, elas se sentirão bem à vontade. Nessa igreja, é muito maior a chance de elas se tornarem cristãs. Isso é tudo o que diz o princípio da unidade-homogênea.

Há um africano que escreveu recentemente um livro intitulado *A Place to Fell at Home*. A respeito de que você supõe que ele está falando? Da Igreja! A Igreja é um lugar para alguém se sentir à vontade. Mas se você entra numa congregação composta de pessoas de espécies totalmente diferentes, provavelmente não se sinta à vontade.

Hudson: *Passemos um pouco para o cenário mundial das missões. Com o conhecimento de que o senhor dispõe do sistema mundial das missões adventistas, como o senhor consideraria sua eficácia? O que o senhor observa como seus pontos positivos e negativos?*

McGavran: Sua eficácia difere bastante da relacionada com a da igreja local e da sociedade que ela enfrenta. A Igreja Adventista do Sétimo Dia é a maior igreja protestante das Filipinas, sem exceção! E como ela se tem aproximado de um povo nominalmente Católico Romano, o que ela tem ensinado se tem adaptado muito bem ao seu sistema de pensamento.

Por outro lado, na Índia ela não está operando entre os Católicos Romanos nominais. Está evangelizando hindus, animistas e maometanos. E ali não tem obtido muito sucesso. Vocês não têm sido mais bem-sucedidos do que os nove décimos das outras missões. E de fato, acho que os adventistas do sétimo dia não deram origem a um único movimento de pessoas em qualquer parte.

Assim, estaria inclinado a dizer que as missões dos adventistas do sétimo dia, como todas as missões, deviam gastar grande parte do tempo e uma considerável soma de dinheiro estudando as populações que desejam evangelizar. Quais se estão tornando cristãs? Por que se estão tornando cristãs? Que métodos está Deus aprovando com a conversão de homens e quais os que Ele visivelmente não está abençoando?

Acho também que as missões adventistas estariam bem informadas se fizessem um gráfico cuidadoso do crescimento das igre-

jas existentes. Como as igrejas estão crescendo, e por que estão crescendo? Estão crescendo pelo fato de adicionarem filhos de adventistas? Estão crescendo por conversões? Ou estão crescendo como adventistas ganhos nas zonas rurais que se dirigem para as cidades? E são esses novos membros conquistados do animismo, do hinduísmo, do budismo ou do islamismo!

As missões carecem grandemente de iluminação quanto ao que Deus está aprovando realmente e aquilo que Ele não o está. Além disso, o Crescimento da Igreja nada mais é senão o estudo daquilo que Deus está fazendo para disseminar o evangelho. Em lugar de estudar para descobrir, muitos missionários fazem o que fizeram antes na América. "Já se fazia isto antes, aqui. Os bons adventistas fazem isto!" Dessa forma, continuam fazendo a mesma coisa, e não fazem absolutamente nada! E eles continuam ano após ano, às vezes década após década, mas é muito pequeno o crescimento da Igreja.

Naturalmente, há os lugares nos quais ninguém prospera, onde a obra missionária está batendo em portas fechadas. Isto continuará a ser assim no futuro previsível. Agora a tarefa é semear a semente, não colher.

Hudson: *Por exemplo, em alguns dos países maometanos?*

McGavran: Se você fosse à Arábia Saudita, seu trabalho ali seria simplesmente bater em portas fechadas — e agradecer a Deus se estivesse vivo no dia seguinte!

Há lugares como este, mas eles devem ouvir o evangelho! Devemos enviar missionários para lá, mas não devemos concentrá-los aí. Devemos concentrar missionários onde Deus está abençoando o trabalho.

Desse modo, minha sugestão às missões adventistas seria: Estudem bem o campo e se concentrem onde Deus abriu as portas.

Hudson: *Tradicionalmente, as missões adventistas têm confiado grandemente em nossa rede hospitalar e sistema educativo (o maior sistema educativo protestante do mundo) espalhados por todo o mundo, para evangelismo. O senhor ainda os considera como meios eficazes para a disseminação do evangelho?*

McGavran: Eles constituem boas "portas abertas". Mas por si mesmos não constituem uma norma de conduta para muitas comunicações do evangelho. Assim, eu diria: Graças a Deus por eles, mas haja certe-

za de que onde está sendo mantido um bom trabalho hospitalar e o hospital adventista é conhecido por todos, esteja também sendo realizado um programa eficaz de evangelismo especialmente vigoroso e inovador.

Hudson: *O mundo necessita ainda de missionários "enviados de além-mar"?*

McGavran: Sem dúvida! Agora, "além-mar" não quer dizer apenas missionários vindos da América e da Europa. As igrejas dos negros estão enviando missionários da África, as japonesas e coreanas também o estão; e tudo para o bem. Mas, em futuro previsível, os missionários da América de veriam multiplicar-se.

Como você não ignora, existem ainda três bilhões que precisam crer. A maioria nunca ouviu falar de Jesus, ou o fizeram de maneira que não os leva à aceitação. A necessidade de missionários continuará.

Uma das grandes opiniões errôneas hoje, é: "Temos uma igreja de gente mais jovem aqui no campo missionário, graças a Deus; dedicá-la-emos toda à igreja mais jovem. Eles não necessitam de nada. São pessoas maravilhosas. Falam a mesma linguagem e se sentem à vontade. Podem fazer muito mais do que um missionário. Deixaremos tudo com eles." Esta é a sugestão de Satanás!

Ora, os cristãos de além-mar são pessoas maravilhosas, e estão fazendo um bom trabalho. Tenho o maior respeito por eles. Tão logo porém, um grupo de igrejas se forme, mantenha-se e cuide de si mesmo, os missionários devem retirar-se. O que é necessário, porém, é conquistar as pessoas que ainda não ouviram. Temos que penetrar em novas unidades da sociedade.

Hudson: *Voltemos à questão do Crescimento da Igreja. Falemos sobre a situação de uma igreja local da América do Norte, por exemplo. Qualquer igreja pode crescer?*

McGavran: Não, não é qualquer igreja que pode crescer, exatamente. Por várias razões, algumas igrejas que estão em situação extremamente difícil, ou se envolveram com um problema de grande significado, não podem crescer. Mas, mesmo tendo feito estas afirmações, eu diria que a maioria das igrejas pode crescer. A razão de a maioria das igrejas não estarem crescendo é que elas não se espalham. Seus membros são pessoas bondosas e atenciosas, e formam um grupo compacto. Eles dispõem de tempo bom e esperam uns pelos outros. Mas não se espalham. As outras pessoas

que vêm para essas igrejas, dizem: “Bem, não somos daqui.” Mesmo quando os recepcionistas estendem a mão, à porta, e dizem: “Volte novamente!” os estranhos continuam estranhos.

Hudson: *Ser uma igreja afetuosa não quer dizer necessariamente que a igreja está crescendo?*

McGavran: Não, porque a maior parte do afeto é dirigido às pessoas que nos amam. Dessa forma, uma igreja afetuosa tem a tendência de ser uma igreja que não cresce. Além disso, o de que precisamos é uma igreja amorosa que esteja amando os estranhos e certificando-se de que os visitantes são apresentados a grupos com os quais se sentem à vontade e onde eles se pareçam com as outras pessoas e estas se assemelhem a eles. Isto é essencial.

Hudson: *Digamos que eu seja pastor de uma igreja que não está crescendo. Quais são alguns dos passos que devo dar para ajudá-la a se voltar para todos os lados?*

McGavran: Há certo número de passos. De novo, depende das circunstâncias. Mas de modo geral, eu diria que todos podem fazer quatro coisas.

Primeiramente, a Bíblia deveria ser pregada de maneira que colocasse o ardente desejo de Deus em favor de Seus filhos perdidos no coração dos membros. Estes devem crer que as pessoas que estão lá fora estão perdidas.

É fácil dizer, mas difícil crer. “O quê? Meu vizinho? Ele que é um sujeito tão bom! Que me empresta seu cortador de grama quando o meu não funciona. Que me leva para o trabalho quando meu carro está com defeito. Ele não vai à igreja, mas não pode estar perdido!”

Esta posição secular americana deve ser combatida ao se pregar a Bíblia. Seja meu vizinho, meu filho ou minha filha; seja a pessoa que atravessa a rua ou vive naquele bairro da cidade; se não crer em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, não for batizado em Seu nome e não se tornar membro ativo e dependente de Sua Igreja, está perdido.

Hudson: *Isto precisa ser pregado?*

McGavran: Isto precisa ser pregado e ensinado a fim de que as pessoas creiam realmente.

A segunda coisa é que devemos criar uma força-tarefa, uma força-tarefa evan-

gelística. Se deixarmos tudo por conta do pastor, é provável que não aconteça! Temos conseguido conquistar pessoas de fora ao andarmos pelas ruas, batendo às portas e dando estudos bíblicos a pelo menos 50 por cento das pessoas que não são membros de nossa igreja.

Meu colega, Dr. Peter Wagner, diz que procura inscrever 10 por cento da igreja como a força-tarefa evangelística. Ades-trai esses membros para o evangelismo. Reuni-os regularmente para que falem sobre suas vitórias e derrotas. Eles discutirão maneiras de apresentar o evangelho, algumas das quais são eficazes, outras não. Não sei se 10 por cento é ou não bom número. Mas pelo menos 10 por cento!

No Novo Testamento, quando os cristãos foram expulsos de Jerusalém, todos eles saíram pregando o evangelho. Podemos não conquistar “todos eles” na maioria das igrejas, mas pode acontecer! Seja como for, o alvo é uma força-tarefa lá fora, evangelizando.

Hudson: *A segunda coisa, então, é mobilizar uma força-tarefa evangelística?*

McGavran: Sim, organizar, treinar e manter uma força-tarefa evangelística.

A terceira coisa é fazer um estudo da comunidade, para saber quem é responsável, de maneira que não se desperdicem esforços. Existem pessoas que não são responsáveis. Identifiquemo-las, e não gastemos muito tempo com elas. Conquistemos os conquistáveis enquanto são conquistáveis! Esta é a terceira coisa.

A quarta coisa eu diria que é implantar novas igrejas. Quando estudei as denominações nos Estados Unidos, verifiquei que o platô de crescimento diminui quando elas deixam de fundar igrejas. E o crescimento continua vigoroso desde que elas estejam fundando novas igrejas.

Todavia, formar novas igrejas é um problema. Mas assim se desenvolvem os bebezinhos. E contudo, não há maneira de se conseguirem grandes e íntegros homens sem corrigir os meninos que são problema. Não há nenhuma maneira. E a menos que fundemos novas igrejas em grande número, não estaremos conseguindo a espécie de crescimento que desejamos.

Hudson: *Deveria uma igreja que deseja crescer, concentrar-se em seu próprio crescimento, preocupar-se em fundar novas igrejas, ou fazer ambas as coisas?*

McGavran: Tanto uma coisa quanto a outra. Eu diria que se a força-tarefa estiver lá

fora, ela ganhará algumas pessoas mais próximas de suas próprias igrejas. Mas ganhará também algumas pessoas que têm de andar dez ou vinte quilômetros para ir até à igreja. E se contam com grupo de pessoas de quase dez quilômetros de distância, que estão freqüentando, por que não ter ali uma igreja? Seria mais fácil a nova igreja ganhar as pessoas que precisam andar cinco quilômetros para ir até a igreja, do que as que têm de andar 10 quilômetros.

Não obstante, a objeção é que precisamos ter algumas igrejas grandes e bem representativas para que as pessoas queiram vir. Os americanos são pessoas muito adiantadas e querem coisas boas! E quando vão à igreja não querem ouvir um sermão ruim, mas um bom sermão. Eles querem ter serviços religiosos que transcorram suavemente. Querem ter reuniões em santuários aquecidos que não estejam tão congestionados. Isto tudo é verdade! Mas por outro lado, está confirmado que quando uma denominação se dedica a fazer algumas igrejas requintadas, regride. Nada é mais eficaz do que fundar novas igrejas. Algumas delas morrerão. Mas não em grande número. As pequenas igrejas são animadas e solucionarão seus próprios problemas.

Hudson: *O senhor diria que o êxito futuro da Igreja depende em grande parte de sua habilidade em fundar novas igrejas?*

McGavran: Certamente este é um fator. Eu não o tornaria o único.

Hudson: *Dean Kelley disse que ter doutrinas incomuns ou características, como o sá-*

bado, por exemplo, pode não ser um obstáculo mas uma ajuda no crescimento da igreja. O senhor não se importaria de comentar sobre isto?

McGavran: Se a Igreja se mantém à distância, e os adventistas são conhecidos como pessoas excêntricas que se reúnem no sábado, então guardar o sábado é um obstáculo. Se, todavia, a igreja está crescendo, e as pessoas estão encontrando vida nova (abandonando seus pecados e vindo a Cristo), e muitos se alegram no Senhor, então acho que o fato de elas se estarem reunindo no sábado, e defenderem as reuniões no sábado como aquilo que o Senhor mesmo, Seus apóstolos e os primeiros cristãos fizeram, e como um dos requisitos exigidos, ajudaria o crescimento.

Hudson: *Última pergunta. Numa reunião recente sobre o crescimento da Igreja, aqui em Fuller, dirigida por seu colega, C. Peter Wagner, a maior representação de uma denominação isolada foi a adventista (sete em cinqüenta). Por que o movimento do Crescimento da Igreja tem despertado tanto interesse entre os adventistas?*

McGavran: Suponho que isto ocorra pelo fato de a Igreja Adventista ser uma igreja obediente. E quando os membros lêem as Escrituras, dizem a si mesmos: "Não podemos ser cristãos obedientes sem estar interessados no crescimento da igreja. Não podemos ser cristãos obedientes sem buscar os perdidos. Não podemos ser cristãos obedientes sem levá-los a aceitar a Jesus Cristo, ser batizados e continuar como membros do corpo.

Talvez seja esta a razão.

Quando o Profeta se Torna Engenheiro

Loron R. Wade

"E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levantate, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses" (Apoc. 11:1 e 2).

Eis uma visão muito interessante. Embora seja curta e simples, suas breves palavras encerram uma mensagem de vital importância para a Igreja hoje. Quando houvermos enten-

dido essa mensagem, compreenderemos melhor a doutrina do Juízo e estaremos preparados para ajudar nossos irmãos no seu preparo para esse acontecimento. Ao mesmo tempo, estaremos em condições de responder às interrogações que algumas pessoas estão suscitando hoje com respeito a esta importante doutrina.

A primeira coisa que salta aos olhos, quando começamos a procurar a interpretação do texto, é o fato de que ele tem suas raízes fir-

memente cravadas nas profecias do Antigo Testamento. Dois profetas da antiguidade — Ezequiel, e mais tarde Zacarias — contemplaram em visão um homem que tinha na mão um cordel ou cana, e que havia recebido a ordem de levantar-se e medir (ver Ezeq. 40:3 e Zac. 2:1 e 2). Ao estudarmos estas mensagens de outrora, podemos encontrar uma chave para entender o significado desta.

No momento em que foi dada a visão de Ezequiel, a cidade de Jerusalém e o templo literal estavam em ruínas e a possibilidade de restauração parecia muito remota. Nabucodonosor, rei de Babilônia, após tomar a cidade, lhe havia derribado os muros e destruído o templo, interrompendo assim os ritos que se celebravam ali para obter o perdão dos pecados. Ato contínuo, Nabucodonosor trouxe muitos cativos de outras nações, ou seja, muitos gentios, e lhes entregou a santa cidade e toda a terra da Palestina. No tempo de Zacarias, um povo remanescente havia retornado a Jerusalém, mas se encontrava desanimado, pois os anos iam passando e o plano da reconstrução continuava paralisado.

O plano de Deus, ao dar estas mensagens, era infundir ânimo e coragem em Seu povo, pois a medição constituía uma promessa de restauração. Os hebreus podiam entender que, se o próprio Deus, como engenheiro ou arquiteto espiritual, estava traçando planos para a reconstrução, eles não podiam perder a esperança.

Com o significado destas visões do Antigo Testamento em vista, volvamos à visão de Apoc. 11:1 e 2 para indagar se esta não estaria profetizando também uma restauração do templo. Naturalmente, o templo a ser medido, neste caso, não poderia referir-se ao templo de Jerusalém, o qual já não existia; mas teria que ser o celestial, que no mesmo capítulo é chamado de “templo de Deus... no Céu” (Apoc. 11:19); e sua restauração deveria ser um processo celestial.

Antes de aceitarmos esta conclusão, porém, deveríamos perguntar logicamente: Em que sentido o santuário celestial poderia necessitar de “restauração”? Quem o teria danificado e de que maneira? Encontramos a resposta no livro de Daniel, onde é predito um ataque contra o santuário celestial e seus ritos.

No capítulo sete, Daniel menciona a “ponta pequena”, a qual diz: “Proferirá palavras contra o Altíssimo” (verso 25). A profecia do capítulo oito é ainda mais específica ao descrever a obra dessa potestade malévola. Afirma-se aí que essa ponta “se engrandeceu até a príncipe do exército (Jesus Cristo); e por ele (o chifre) foi tirado o contínuo (a série

de ritos praticados no templo para se obter o perdão dos pecados), e o lugar do seu santuário foi lançado por terra” (Dan. 8:11).

Com a instituição de um falso sistema de adoração, a “ponta pequena” engrandecer-se-ia contra o próprio Cristo; procurando assim ocupar o lugar que competia a Cristo no “contínuo” celestial. Entre outras coisas, a igreja quis colocar nas mãos dos homens o direito de outorgar o perdão de pecados e, dessa maneira, procurou trazer para a Terra a obra de intercessão que compete exclusivamente ao ministério sacerdotal de Cristo no “contínuo” do santuário celestial. Um passo importante no cumprimento dessa profecia deu-se no ano 1215, quando o Quarto Concílio Latrão decretou que era obrigatória a confissão de pecados ao sacerdote, e reafirmou o direito deste de conceder a absolvição.

Daniel (cap. 7:25) diz que essa apostasia atingiria o seu ponto culminante no espaço de um tempo, tempos e metade de um tempo, ao passo que a profecia de Apoc. 11:2 afirma que sua duração seria de 42 meses. Naturalmente, ambos os períodos representam 1260 anos literais. O fato de ambas as profecias mencionarem o mesmo período de tempo é outra evidência de que as duas se referem ao mesmo acontecimento, ou seja, à mesma obra de contaminação e restauração do santuário.

A profecia de Apocalipse 13 fala também dessa investida contra o santuário. Diz-se aí: “Foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses (os mesmos 1260 anos). E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar (1) do Seu nome, e (2) do Seu tabernáculo” (versos 5 e 6). A tentativa do “homem do pecado” de tomar nas próprias mãos a obra que compete a Cristo no Santuário Celestial é uma blasfêmia contra o nome, ou seja, o caráter de Cristo e contra o tabernáculo. De fato, uma das definições de blasfêmia, dadas no evangelho, é precisamente que um homem se arrogue o direito de perdoar pecados (ver S. Luc. 5:21).

Há, porém, outro sentido além desse, em que o inimigo de Deus difamou o santuário de Deus. Satanás acusa a Deus de injustiça por haver concedido perdão aos pecadores, por ter revelado Sua justiça “pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus” (Rom. 3:21-26). Esse outorgamento de perdão é obra especificamente do “contínuo”, ou seja, do ritual diário praticado no santuário. Em outras palavras, Satanás está dizendo que Deus é in-

justo na obra que realiza no santuário.

Temos um vislumbre dessa atitude acusadora em uma visão de Zacarias, na qual Josué, sumo sacerdote, é visto "diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreende, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreende: não é este um tição tirado do fogo? Ora Josué, vestido de vestidos sujos, estava diante do anjo. Então, falando, ordenou aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estes vestidos sujos. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos" (Zac. 3:1-4).

O inimigo aponta os muitos pecados do povo de Deus e impugna ante o Universo a obra de Cristo no santuário, acusando-O de ser injusto ao aceitar o homem por meio da justificação. Dessa maneira, Satanás blasfema do nome de Deus e de Seu tabernáculo.

Por isso, foi necessário conservar os "livros" de registro, mencionados em Dan. 7:9 e 10 e em Apoc. 20:10, bem como em outros lugares. A mente de Deus é infinita; Ele não necessita de manter "livros" para lembrar-Se de cada pormenor de nossa vida. Satanás, porém, está acusando a Deus perante o Universo, com o propósito de desvirtuar o perdão concedido por Cristo. Por isso, mantém Deus os livros de registro, e por esse motivo realiza um julgamento, abrindo esses livros diante das testemunhas celestiais — "milhares de milhares.... e milhões de milhões" (Dan. 7:10).

Concluimos, pois, que da mesma forma que o símbolo ou figura da medição vista pelos profetas do Antigo Testamento apontou a restauração literal do templo de Jerusalém, também a medição vista por João prediz a restauração do templo celestial depois de 1260 anos de blasfêmia e calúnia perpetradas por Satanás e por seu agente, a ponta pequena.

Dessa forma, vemos como seria a restauração do santuário celestial. As mesmas profecias de Daneil sete e oito, que predizem o ataque ao santuário, esclarecem que sua restauração seria efetuada por meio do juízo. O começo do Juízo é apresentado por Daniel como uma conquista de poder em favor de Cristo (Dan. 7:9-14; ver também Apoc. 11:17), e como uma reparação pelas blasfêmias e danos causados durante 1260 anos pelo poder apóstata (Dan. 7:25 e 26). Em outras palavras, a medição do templo em Apoc. 11:1 e 2 indica o juízo celestial, que começará no final dos 2.300 anos de espera, preditos em Dan. 8:14, ou seja, no ano 1844.

Mas, de que maneira pode o juízo constituir uma "restauração" para o santuário?

Em primeiro lugar, o juízo constitui a vindicação do santuário porque no juízo Cristo desmente as calúnias e acusações de Satanás contra a obra de Cristo no santuário.

O Iom Quipur, ou dia de expiação no antigo ritual, servia para vindicar ou justificar o santuário, isto é, para justificar o "contínuo", o ministério de perdão realizado durante todo o ano. Revelava a sinceridade e o arrependimento genuíno e completo dos participantes, e dessa maneira confirmava que o perdão concedido a cada um durante o ano não havia sido um equívoco. Da mesma forma, o juízo serve para vindicar perante o Universo o perdão concedido por Cristo ao longo dos séculos. Confirma-se que a decisão de Cristo em cada caso foi a decisão correta, e que Ele agiu sempre com amor e equidade.

Em segundo lugar, o juízo desmente as blasfêmias da ponta pequena, que pretendia ser o elemento autorizado por Deus para conceder o perdão de pecados. "Ninguém no Céu, nem na Terra, nem debaixo da terra" foi achado digno de abrir o livro de juízo, a não ser o Cordeiro imolado (Apoc. 5:1-9; ver também S. João 5:27).

Resumindo, vemos que as visões de Ezequiel e Zacarias referem-se à restauração física de um templo literal e ao restabelecimento ali dos ritos para perdão e expiação do pecado. A visão de Apocalipse fala da restauração do templo celestial depois dos ataques da Babilônia religiosa, e tem referência especificamente ao juízo celestial, pois mediante o juízo é que o templo celestial seria "restaurado" ou "justificado".

Por causa desse significado, encontramos um elemento adicional no simbolismo do Apocalipse, a saber, um elemento não observado nas visões do Antigo Testamento; ou seja, a medição dos adoradores. Essa figura faz alusão à avaliação ou juízo pessoal de todos os que têm professado ser filhos de Deus. Isso constitui parte do processo do juízo celestial (ver Dan. 7:9 e 10; Apoc. 20:11 e 12). Às vezes tem sido a única parte que conservamos em mente ao pensar no juízo, mas o Céu não vê este assunto apenas desse ponto de vista.

Ao serem medidos os adoradores, a obra do santuário é vindicada e confirmada a autoridade do santuário celestial como o único lugar onde o pecado podia ser perdoado. Dessa forma, a restauração do santuário significa a restauração da soberania de Deus e a restauração da paz do Universo.

O Vinho e as Sagradas Escrituras

JOÃO VULLEUMIER

Departamento de Religião — Antillian College

Noé, um dos patriarcas mais austeros — conta o Gênesis — foi encontrado certo dia em estado de embriaguez. O simples fato dessa embriaguez, prova o ensalmo insidioso do suco da uva no momento em que começa o processo da fermentação. Este exemplo, dado pelo profeta de Deus, indica o perigo que se oculta debaixo da espuma da taça encantada. Que advertência para todos os homens e para todos os tempos, vem a ser o exemplo desse segundo pai da humanidade, que se esqueceu de sua dignidade ao beber vinho em excesso, tornando-se causa indireta da maldição de um dos filhos e de toda a sua raça! (Gên. 9:20-27).

Casos de Embriaguez e Exemplos de Abstinência Mencionados na Sagrada Escritura

Instruído talvez pela experiência, o Faraó do Egito do tempo de José, tetraneto de Abraão, não tomava o vinho da uva a não ser quando este era espremido num copo pela mão de seu copeiro-mor (Gên. 40:0-11).

Nadabe e Abiú, vinculados ao sacerdócio com seu pai Arão, parecem não se ter precavido do perigo que encerra a fermentação do suco das frutas. Com a mente anuviada por uma libação abundante, cometeram uma infração contra os regulamentos do cerimonial do tabernáculo, e essa infração lhes custou a vida. (Lev. 10:1, 2).

Os perigos da embriaguez e da ação que esta exerce, parecem ter persistido de século em século em Israel. Prova-o a luta travada contra esse inimigo. Com efeito, em diversas ocasiões Deus suscitou exemplos de abstinência total provisória ou vitalícia.

A mulher de Manoá, escolhida para ser a mãe de Sansão, recebeu de um anjo a ordem de abster-se de vinho e de toda bebida sujeita a fermentar-se. (Juizes 13:2-5.)

Depois do juízo divino que privou Arão de seus dois filhos mais velhos, “falou o Senhor a Arão, dizendo: Vinho nem bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpé-

tuó será isso entre as vossas gerações; e para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo; e para ensinar aos filhos de Israel todos os estatutos que o Senhor lhes tem falado pela mão de Moisés” (Lev. 10:8-11).

O israelita que fazia voto como nazireu, isto é, que se consagrava de maneira especial a Deus, devia abster-se “de vinho e de bebida forte” e mesmo de uva fresca e na forma de passa; numa palavra, de todo produto da vide por “todos os dias do seu nazireado” (Núm. 6:1-4).

Uma verdadeira sociedade de temperança, ou melhor, de abstinência, foi instituída pelos recabitas, os quais remontam à época do profeta Elias, ou seja, oitocentos anos antes de nossa era. Haviam recebido de Jonadabe, seu pai, a ordem de não beber vinho, nem eles nem seus filhos, com a promessa feita por Deus de subsistirem eternamente diante dEle, se permanecessem obedientes a Ele.

Dois séculos e meio mais tarde, o profeta Jeremias os encontrou fiéis à ordem de seu antepassado. (Jer. 35). No ano 70, escaparam à destruição de Jerusalém. No segundo século, sua existência é indicada pelo historiador cristão Hegesipo. No décimo segundo século, um viajante citado por Calmet, torna a encontrá-los na Mesopotâmia, “não usando jamais vinho nem carne”, e cercados de verdadeira prosperidade. Em 1840, o missionário José Wolff encontrou no Iêmen certo número de seus descendentes que haviam permanecido escrupulosamente fiéis a seu propósito antivinicola.

Em certas épocas de sua vida, o profeta Daniel se abstinha de vinho, como por exemplo na corte de Nabucodonosor, e quando estava em aflição (Dan. 1:8-16; 10:3).

João Batista, o precursor, não se apartou, durante toda a sua vida, da mais estrita abstinência naziréia, conforme havia dito o anjo Gabriel a seus pais: “Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe; e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus” (Luc. 1:15 e 16).

Essa abstinência temporária de Daniel, de João Batista e dos nazireus, aplicava-se, segundo foi dito, não só ao vinho fermenta-

do, como também ao vinho doce, sempre sujeito à fermentação, e mesmo às uvas. Esse vinho doce era muito conhecido dos israelitas e dos antigos. Aquilo que vem a seguir, demonstrará isso.

Dois Estados do Vinho, Conhecidos nas Escrituras

Um fato que precisa ficar claro, antes de mais nada, é que, na Bíblia, o vinho é às vezes recomendado, e outras vezes desaconselhado. Leiam-se e comparem-se atentamente as duas categorias de passagens que seguem:

(a) O Vinho Recomendado

“Assim, pois, te dê Deus... abundância de trigo e de mosto” (Gên. 27:28);

“Se diligentemente obedecerdes a Mesus mandamentos que hoje te ordeno... então darei a chuva... para que recolhas o teu grão, e o teu mosto e o teu azeite” (Deut. 11:13, 14).

“(O Senhor) abençoará... o teu grão e o teu mosto, e o teu azeite” (Deut. 7:13).

“(O Senhor, que produz)... o vinho que alegra o coração do homem” (Sal. 104:14, 15);

“Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe com bom coração o teu vinho” (Ecl. 9:7).

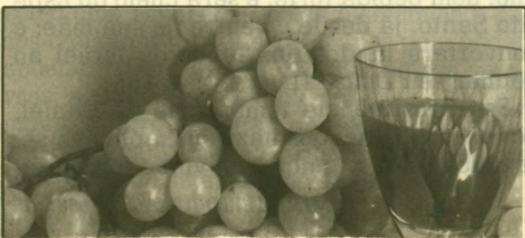
“Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que... os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão... e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto” (Amós 9:13 e 14).

(b) O Vinho Condenado

“O vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora” (Prov. 20:1);

“Para quem são os ais?... Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e se escoa suavemente. No seu fim morderá como a cobra, e como o basilisco picará” (Prov. 23:29-32, 33-35).

“Não é próprio dos reis, ó Lemuel, não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte. Para que não bebam, e se esqueçam do estatuto, e pervertam o juízo de todos os aflitos” (Prov. 31:4 e 5).



“Ai dos que se levantam pela manhã, e seguem a bebedice, e se demoram até à noite, até que o vinho os aqueça!... Ai dos que são poderosos para beber vinho, e homens forçosos para administrar bebida forte” (Isa. 5:11 e 22).

Conclusão Irresistível

É impossível não tirar dessa dupla série de declarações a seguinte conclusão: a Bíblia faz distinção entre dois estados do vinho e das bebidas similares:

1. O suco de uva natural, saudável, confortador e, por conseguinte, benfeitor, tal como o Criador o faz surgir no cacho.

2. O vinho fermentado, tóxico, embriagador e, por conseguinte, malfeitor.

Em outras passagens, essas duas categorias de bebidas, ou melhor dizendo, estes dois estados do vinho são dados como símbolo, ora da bênção do Céu, ora dos castigos divinos (ver Isa. 55:1-3); Jer. 25:15 e 16; Apoc. 14:8-10).

De acordo com a lei ambiental, aplicada à História, dos costumes dos antigos povos que cercavam a Palestina devem servir para confirmar o testemunho bíblico. E ocorre que na literatura antiga, comprova-se perfeitamente a presença dos dois vinhos ou, se se prefere, dos dois estados do vinho. A embriaguez, o abuso das bebidas fermentadas e inebriantes entre os homens e entre os deuses, desempenha aí um papel bem conhecido. O que é menos conhecido é o uso habitual que os antigos faziam de vinhos não fermentados, conservados em xarope pela cocção. Os testemunhos que possuímos a respeito, fornecem-nos uma informação completa.

Eis o que diz a respeito o Dicionário da Bíblia de J. A. Bost:

“Cobravam-se as primícias e o dízimo do mosto... que se guardavam em odres de peles (Jó 32:19; Mat. 9:17; S. Mar. 2:22), ou em grandes talhas de barro, como as que se usavam ainda no Oriente; deixava-se fermentar ali, ou às vezes se fervia até transformá-lo em xarope. Bebia-se também o mosto antes que houvesse fermentado (Oséias 4:11; Joel 1:5). Quando o vinho estava bem fervido, havia o costume de mudar de recipiente, para purificá-lo e melhorá-lo; em Jer. 48:11 há uma alusão a esse respeito.” Art. Vinho.

“Alguns autores acham que em várias passagens do Antigo Testamento, notadamente em Gên. 43:11; Ezeq. 27:17; Jer. 41:8, não se fala de mel de abelha, mas de uma espécie de licor açucarado, de xarope que

as tâmaras destilam quando atingem a maturação completa (são desse parecer os eruditos judeus Maimonides, Josefo, Hiller, Celsio, Geddes, etc.); apóiam-se entre outras coisas, no fato de a palavra hebraica *debash*, que significa mel, ter no árabe o significado de tâmara; outros acham que por ela deve-se entender um mel de uvas, isto é, o suco da vide, fervido com ou sem açúcar, até engrossar o xarope (Rosenmuller); essa bebida é feita ainda hoje na Síria e na Palestina (Shaw, Russel, Burokhardt). Trezentos quilos de uva dão cem quilos desse licor, chamado *debs* (*debasm*). Empregase em lugar de açúcar, diluindo-se em água; para os pobres, substitui também a manteiga; para os enfermos, o vinho. Os gregos e os romanos conheciam também o mel de uva." — *Idem*, Art. Mel.

Josefo, historiador e general judeu, contemporâneo de Tito, chama vinho ao suco de uva que o copeiro-mor preparava para o Faraó, espremendo os cachos na taça real. Heródoto chama-o *oinos ampelinos*, isto é, o vinho da vide.

Homero, o pai da História (século nove antes de Cristo), diz na "Odisséia" (livro 9), que Ulisses colocou a bordo de seu barco um odre de vinho preto e doce, bebida que Marion, sacerdote de Apolo, lhe havia dado. Era tão doce como o mel. Esse vinho podia ser conservado indefinidamente. Para usá-lo, era preciso diluí-lo em vinte partes de água. Obtinha-se uma bebida cheirosa, de sabor delicioso.

Hipócrates, o maior médico da antiguidade (460 AC), falando de um vinho doce que *ele chama de gluckus*, diz que é menos sujeito a ocasionar cabeça pesada do que os outros vinhos.

Aristóteles, naturalista e filósofo, ainda mais célebre do que os dois anteriores, nascido em 384 antes de Cristo, relata que os vinhos da Acádia eram tão apurados que se secavam nos odres de pele de cabra, e que estes eram rasgados para ser depois diluídos em água. O mesmo sábio diz que os vinhos doces de seu tempo (*oinos ho gluckus*) não embriagavam (ou *méthuskei*). *Meteorológica*, IV, 10 de 9, citado pelo Dr. João Ellis.

Plutarco, no primeiro século de nossa era, assegura que antes de Psamético (600 anos antes de Cristo), os egípcios não empregavam vinho fermentado nem para o uso doméstico, nem para os sacrifícios.

Columelo, que vivia igualmente na época dos apóstolos, recomenda que se encham garrafas de suco fresco de uva, e se fechem hermeticamente, mergulhando-as depois num poço de água fria; assegura que dessa

maneira não fermentarão. Fala de um vinho que os gregos chamavam de *amethyston*. Consideravam-no um vinho bom, inofensivo.

Os gregos chamavam de *gluko* "um vinho feito de uvas secas ao sol antes de serem colhidas — uma espécie de vinho fervido." — Dicionário Greco-Francês, de Alexandre.

Plínio (no primeiro século) assegura que certos vinhos romanos tinham a consistência do mel, e que os vinhos da Albânia eram igualmente doces e pegajosos. Havia também, por certo, vinho espanhol denominado *inerticulum* (não inebriante).

Diz o "Grand Dictionnaire Universel", de P. Larousse, artigo *Vindoux*, que "entre os hebreus, ... depois que a uva era prensada, ... algumas vezes passava pelo processo de cozimento, a fim de reduzi-la ao estado de xarope... Os romanos bebiam também o mosto, tal como saía do lagar, isto é, antes que fermentasse... Depois de cozido, esse *mostum* recebia o nome de *frutum*... Em Roma, a maioria dos vinhos mais caros e mais procurados achava-se na forma de licores açucarados, grossos, e apresentavam quase a consistência do xarope; para tomá-los era preciso dissolvê-los em água quente."

De que outra maneira se explica o desconhecimento que reina hoje em dia com respeito à prática dos antigos em relação aos vinhos doces, se não pelo uso generalizado e quase supersticioso que prevaleceu em nossa época de não tomar o suco de uva e das demais frutas a não ser fermentado? O artigo que acabamos de citar chama o costume dos antigos de "gosto singular e bem capaz de maravilhar-nos". O que deixaria admirados, com justiça, os antigos, se eles tornassem a viver, seria o costume de uma civilização que se diz científica, iluminada e cristã, de fermentar e destilar quase a totalidade das colheitas de uva e outras frutas. Não chamariam de bárbara e escandalosa essa transformação dos açúcares em álcool, e que constituem as bebidas mais puras e mais delicadas da época presente?

Muito diferente tem sido a atitude do Islamismo diante do álcool. Mediante uma medida heróica, Maomé protegeu milhões e centenas de milhões de seres humanos contra os malefícios da embriaguez, proibindo todas as bebidas fermentadas, sob a denominação geral de vinho.

Com efeito, diz a surata V. 92 do Corão: "Ó crentes, o vinho, os jogos de azar, as estátuas e a aventura pelas flechas são uma abominação inventada por Satanás. Abstende-vos delas, e sereis felizes." Por outro lado, o profeta não é contra o suco de uva; louva os cachos e a vide: "É Deus", diz

ele, "que criou as vides de gradeados e as que não o são." Em seu quadro do paraíso, vêem-se correr ribeiros de um vinho que certamente não foi fermentado (Suratas VI, 142; XLVII, 16).

A exposição preliminar que antecede, permite-nos tratar agora a questão de maneira mais profunda, muito embora ao alcance de todo leitor atento. Julgamos proveitoso estudar abreviadamente os termos hebraicos e gregos que tanto no Antigo como no Novo Testamento são usados para designar o vinho e as bebidas em geral, pois esse aspecto do assunto foi tratado em obras eruditas que chegaram a conclusões diametralmente opostas às nossas.

Palavras Hebraicas e Gregas Para Designar o Vinho

Os termos empregados na Bíblia para designar o vinho são, no Antigo Testamento hebraico: *tirosch*, *yain* e *checar*, aos quais correspondem, no Novo Testamento grego, as palavras: *gleukos*, *oinos*, *sikera*. Citaremos algumas passagens nas quais se encontra cada uma destas palavras.

1. Tiosch — Gleukos

"Assim pois te dê Deus... abundância de trigo e de mosto (*tirosch*)" (Gên. 27:28).

"E perante o Senhor teu Deus... comerás dos dizimos do teu mosto e do teu azeite" (Deut. 14:23).

"Porém a videira lhes disse: Deixaria eu o meu mosto (*tirosch*), que alegra a Deus e aos homens...?" (Juízes 9:13).

"Puseste alegria no meu coração, mais do que no tempo em que se multiplicaram o Teu trigo e o Teu vinho (*tirosch*)" (Sal. 4:7. Ver também Deut. 11:14; 18:4; 28:51; Juízes 9:13; II Crôn. 32:28; Prov. 3:10; Oséias 2:10 e 11; Zac. 9:17, etc.).

A palavra *tirosch* aparece 38 vezes no Antigo Testamento. Seu equivalente no Novo, *gleukos*, é encontrada uma única vez: na observação feita a respeito dos apóstolos pelos zombadores de Jerusalém, no dia do Pentecostes (Atos 2:13): "E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto (*gleukos*)". A propósito dessa passagem, o Dicionário de Bost (art. Vinho), diz que "não era a estação do vinho novo" e que se trata aqui "de uma espécie peculiar de vinho, famoso por sua doçura", o que obriga a ver nesta palavra irônica, que representa vinho não fermentado, uma alusão irônica aos que se abstinham escrupulosamente de bebidas inebriantes.

O sentido do vocábulo *tirosch* é determinado e fixado por meio das duas passagens seguintes: "Disse-lhe mais: Ide, comei as gorduras e bebei as doçuras..." (Neem. 8:10). Numa versão moderna, diz: Disse-lhes também: "Ide, comei carnes gordas, e bebei vinhos saborosos." E em uma versão francesa moderna, diz também: "Ide, comei (carnes) gordas, e bebei (vinhos) doces." Na Bíblia dos latinos, diz: "Bebei bebidas doces". A palavra vinhos ou bebidas, ou licores não figura no original, como o indica a versão de Lausanne.

2. "Como quando se acha mosto num cacho de uvas, dizem:... há bênção nele" (Isaías).

Estas duas passagens — que mostram da maneira mais formal o uso corrente que os judeus faziam das bebidas doces e, por conseguinte, não fermentadas — dão-nos a definição exata de *tirosch*. Esta palavra se refere ao suco puro da uva, suco não fermentado e, todavia, conservado de modo que pudesse ser transportado, sem nenhuma alteração essencial. Recomendado como bebida saudável e nutritiva, era considerado como dom de Deus.

2. Yain — Oinos

Os vocábulos *yain* e *oinos*, geralmente traduzidos por vinho, aparecem, o primeiro 141 vezes no Antigo Testamento hebraico; e o segundo, 33 vezes no Novo Testamento grego. Vejamos alguns exemplos de seu emprego:

Noé "bebeu do vinho (*yain*) e embriagouse" (Gên. 9:21).

Jacó "trouxe-lhe (a Isaque) também vinho (*yain*), e bebeu" (Gên. 27:25).

"E para libação a quarta parte de um hin de vinho (*yain*)" (Êxo. 29:40).

"Não olhes para o vinho (*yain*)... no seu fim morderá como a cobra" (Prov. 23:31 e 32).

"Pelo que Eli a teve por embriagada. E disse-lhe Eli: Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti o teu vinho (*yain*). Porém Ana respondeu, e disse:... nem vinho (*yain*) nem bebida forte tenho bebido..." (I Sam. 1:13-15).

João Batista não beberia "vinho (*oinos*) nem bebida forte" (S. Luc. 1:15).

"E não vos embragueis com vinho (*oinos*)" (Efés. 5:18).

"Convém pois que o bispo seja... não dado ao vinho (*oinos*)" (I Tim. 3:2 e 3).

"Usa de um pouco de vinho (*oinos*), por causa do teu estômago" (I Tim. 5:23. Ver também Gên. 14:18; Ecle. 9:7; Jer. 35:5 e 6; Isa. 55:1; I Tim. 3:8; Tito 2:3).

Como se vê, a palavra *yain* designa o vinho de um modo muito genérico: às vezes é recomendado, outras condenado; ora é prescrito para as libações do tabernáculo, ora é apresentado como um perigo. De onde se conclui, a menos que se acusem as Escri-

turas de contraditórias ou faltas de lógica, que os vocábulos *yain* e *oinos* designam, conforme o caso, dois estados diferentes do produto da vide; o vinho fermentado e o não fermentado.

Nascidos Para Revelar o Melhor da Vida

Mensagem Devocional apresentada em New Orleans, na terça-feira de manhã, 2 de julho de 1985.

Recentemente estive ao lado de uma das filhas de Deus que poucos meses atrás parecia ter boa saúde, mas agora, acometida por uma doença fatal, definhava lentamente — uma cena aflitiva. Quando me ajoelhei perto dela, a fim de orar e proferir algumas palavras de conforto, o pensamento de nosso desamparo e de que nada tem valor duradouro neste mundo, a não ser a esperança que temos em Jesus, se apossou de mim. Ali se achava uma preciosa alma empenhada numa luta contra forças além de seu controle, mas cuja fé em Jesus transcendia a sua dor. Que bendita esperança de vida eterna é a sua!

A certeza de que a vida eterna pode pertencer-nos pela fé em Jesus foi transmitida por Paulo à igreja de Éfeso. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.” Efés. 2:8 e 9.

Nenhuma pessoa necessitou mais desta certeza do que as que vivem em nosso tempo. Esta promessa de esperança nos assegura que há algo mais relacionado com a vida do que pode ser encontrado neste mundo.

“O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é O que vos chama, o qual também o fará.” I Tess. 5:23 e 24. Temos aqui a certeza de que todas as necessidades espirituais da vida são supridas em Cristo. Em Cristo é santificada cada uma das partes de nosso ser. O próprio eu não é glorificado, mas quem é exaltado é Cristo. “Ele o fará”, declara Paulo.

Qual é, porém, o supremo propósito de Deus para nossa vida? A vida vitoriosa é uma ilusão, ou ela é possível em Cristo? Ser santificado pela fé em Cristo é alguma coisa que só é registrada no Céu, ou está relacionado com a maneira como vivemos na Terra?

Nossa geração, em grande parte, perdeu o ponto de referência para sua conduta. Os absolutos da Escritura não parecem mais ser importantes para muitos. O humanismo e o secularismo privaram-nos da confiança nas prescrições de Deus para a vida deles, e a mente humana, por si mesma, está determinando o que é bom ou mau. Alguns crêem que a liberdade humana é violada pelas normas de conduta dadas por Deus. Eles perguntam: “Há uma ordem mundial fixa, um invariável sistema de valores para a conduta? Ou os valores são relativos, sendo principalmente desenvolvidos por nós mesmos?”

A conduta das pessoas que vivem hoje em dia não é tão diferente do que era no passado. Consideremos, por exemplo, o povo de Deus, Israel. A condescendência com desejos carnis que não estavam mais sob o domínio de princípios morais conduziu-os à conduta mais obscena. “Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram. Não vos façais, pois, ídólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se.” I Cor. 10:6 e 7. O divertimento em que eles se empenharam depois de condescender com o apetite desenfreado só pode ser descrito como devasso cumprimento de desejos carnis.

No mundo greco-romano do Novo Testamento, encontramos um exemplo de nossos próprios tempos. Pedro relata a experiência do passado em que os destinatários de sua carta tinham vivido como os seus vizi-

nhos pagãos: "No passado vocês já gastaram bastante tempo fazendo o que os pagãos gostam de fazer. Naquele tempo vocês viviam na imoralidade, nos desejos carnis, nas bebedeiras, nas orgias, nas festas para beber, e na horrível adoração de ídolos. E agora os pagãos ficam admirados e os insultam quando vocês não se reúnem com eles nessa vida louca e relaxada." I S. Ped. 4:3 e 4, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

Descrição Apropriada

Se Pedro estivesse escrevendo na atualidade, ele não poderia ter encontrado uma linguagem mais apropriada para descrever o estilo de vida de grande parte do mundo hodierno. Os apetites e as paixões parecem não ter restrição, e resultam numa sociedade em que são relatados diariamente os crimes mais hediondos e violentos. Em grande parte como resultado de semelhante dissipação, a morte prematura espregueita na Terra, a despeito dos heróicos esforços de cientistas e médicos para curar as enfermidades.

Satanás degrada o corpo e a mente, conduzindo milhões de pessoas a uma vida lasciva. "Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura: Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem." S. Mar. 7:21-23.

Uma vida lasciva é uma vida dissoluta e sensual, na qual os apetites e as paixões estão fora de controle. A mente, que devia ser guiada pelo Espírito Santo, não domina mais o corpo. Paulo descreveu desta maneira as intemperantes obras da carne: "Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia." Gál. 5:19. Acham-se em contraste com os frutos do Espírito, que abrangem a temperança ou o domínio-próprio.

A lascívia promana de uma mente não convertida, de um coração em rebelião contra a lei de Deus. Esta rebelião começou no Jardim do Éden e tinha que ver com o apetite. O Senhor deu a Suas criaturas um estilo de vida que lhes traria alegria, felicidade e realização. As leis que governam a vida moral estão relacionadas com as que governam a vida física. Quando o apetite não é restringido, é afetada a vida moral.

Deus tenciona restaurar os pecadores ao domínio-próprio, à liberdade e felicidade que resultam de uma vida de obediência a

Suas leis. Paulo expõe o princípio que deve ser seguido em toda a nossa conduta: "Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus." I Cor. 10:31.

Muitos cristãos são tentados a adotar o gênero de vida secular, deixando que a natureza carnal controle sua maneira de comer, beber e viver. Precisamos focalizar um estilo de vida que esteja em harmonia com a vontade de Deus. Este novo sistema de vida começa com o novo nascimento. "No qual temos a redenção, a remissão dos pecados." Colos. 1:14.

Nada é tão doce como a paz que advém do perdão. Não podemos obtê-lo por meio de penitências. Ele nos pertence pela fé.... "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." I S. João 1:9.

O perdão e a purificação do pecado estão unidos. "A redenção por Seu sangue" abrange o poder purificador de Jesus que transforma o coração pecaminoso e a mente escravizada. Deus quer tornar-nos santos para que estejamos sem mácula quando Ele vier. Compreendemos o que significa ser santo? Gostamos mais de ouvir o que Jesus faz por nós do que aquilo que Ele deseja fazer em nós? Qual é a relação entre o perdão do pecado e a obediência a Cristo? Ambos constituem um ato de fé em Jesus?

As palavras *santo* e *santificar* estão relacionadas na Bíblia, e significam "purificar", "ser separado", "consagrar". *Santo* é usado mais de 220 vezes na Escritura, e às vezes se aplica aos crentes cuja vida é consagrada a Deus. Israel era "reino de sacerdotes e nação santa" (Êxo. 19:6). Os seguidores de Cristo também devem levar uma vida santa. "Segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque Eu sou santo." I S. Ped. 1:15 e 16. Nosso estilo de vida é modificado pelo poder de Cristo. Devemos ser guiados, em nossa conduta, pelos valores do Céu, não pelos valores da sociedade.

"Santidade não é arrebatamento: é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 51.

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de

Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas." Efés. 2:8-10.

Os cristãos com esta fé se preocupam com a sua conduta, com o seu vestuário, com o que comem e bebem, com a observância do sábado e com os seus entretenimentos. Têm normas para pautar sua vida; princípios que governam sua conduta. Jesus Cristo não somente perdoa o pecado, mas cria novas criaturas que odeiam o pecado e que obedecem a Deus em todas as coisas. "Como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nEle." Colos. 2:6. "Sois justamente tão dependentes de Cristo, para viver uma vida santa, como a vara é dependente do tronco para crescer e dar fruto. Separados dEle não tendes vida.... Quando Cristo habita o coração, transforma-se toda a natureza." — *Caminho Para Cristo*, Edição Universal, págs. 69 e 73.

Libertação de Nossos Hábitos

Quando seguimos a Cristo, Ele nos livra de maus hábitos, da inveja, do orgulho, do egoísmo e da cobiça. Livra-nos da idolatria de posses desnecessárias e dispendiosas, e do adorno de nossa própria pessoa; da sordidez de concupiscências carnavais reveladas pelo homossexualismo, lesbianismo, fornicação e adultério; da concupiscência do sexo e da violência encontrada no cinema e na televisão, bem como em livros e revistas pornográficos. Ele nos livra dos funestos efeitos do apetite desgovernado.

"Quando uma alma recebe a Cristo, recebe também o poder de viver a vida de Cristo." — *Parábolas de Jesus*, pág. 314. "E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 642.

Estas afirmações não significam que teremos alcançado um ponto de conduta perfeita e sem pecado, e, sim, que Cristo removerá de nosso coração a rebelião e, por Seu poder, nos conduzirá diariamente a uma vida vitoriosa. Amaremos o Seu sistema de vida e procuraremos segui-lo. O amor é uma poderosa motivação para obedecer a Deus. O amor a Jesus torna agradável a obediência a Sua lei, fazendo com que o nosso coração esteja disposto a obedecer.

A pessoa que edifica sua vida sobre Cris-

to nunca ficará decepcionada. Deus quer ter um povo que entregue a vida a Jesus e edifique sobre Ele, afastando-se do que é sensual e lascivo e aceitando a vida plena, saudável e feliz proporcionada por Ele. É importante que a reforma da vida inclua o apetite. "Os homens e as mulheres não podem violar a lei natural mediante a satisfação de apetites pervertidos e de concupiscentes paixões, sem que transgridam a lei de Deus.... Tornar patente a lei natural e insistir em que se lhe obedeça, eis a obra que acompanha a terceira mensagem angélica, a fim de preparar um povo para a vinda do Senhor." — *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 320.

Deus é glorificado pela obediência a Sua lei, incluindo as leis da saúde. Para atender ao Espírito de Deus, a mente precisa estar livre do apetite desgovernado e de todo estimulante antinatural. É por esta razão que as instituições de cuidado da saúde são uma parte da Igreja e nunca devem ser separadas dela. Se o cuidado que dedicamos à saúde ficar secularizado, erramos o alvo, e os nossos esforços serão um desapontamento para o nosso Deus.

Nada temos de que envergonhar-nos em nossa ênfase ao vegetarianismo, à abstinência de fumo, álcool, chá, café e substâncias nocivas. Estas posições foram confirmadas pela pesquisa em anos recentes. A ciência corrobora as mudanças no estilo de vida defendidas pela serva do Senhor, há muitos anos.

Só o Conhecimento Não é Suficiente

No entanto, o conhecimento das leis da saúde talvez não realize a necessária reforma na conduta. Para essa modificação, é essencial que, "quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (Efés. 4:22-24).

Nossa geração enferma precisa desta mensagem de esperança e verdade que prepare o povo, descrito em Apocalipse 14 como "os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus", para o glorioso aparecimento de Cristo.

Visitei recentemente Rochester, Nova Iorque, e revivi em imaginação alguns dos anos difíceis do Movimento do Advento. Fui ao cemitério Mount Hope e olhei para as sepulturas dos que estão sepultados ali. Vi o lar de Hiram Edson e o milharal que ele

atravessou na manhã de 23 de outubro de 1844. Esse homem humilde ajudou a redigir a mensagem do santuário, e sacrificou os seus recursos para promover a causa da verdade. Pensei em Tiago e Ellen White, os quais suportaram a epidemia de cólera em 1852, chegando quase a perder o filho Edson, e que viviam em extrema pobreza, suportaram penosas viagens e deram tudo quanto possuíam para pregar a verdade que tanto amavam. Lembrei-me também de J. N. Andrews, cuja esposa e filha estão sepultadas em Rochester, pois faleceram prematuramente.

Por que esses jovens dirigentes passaram por tantas privações e sacrifícios? O que os impelia para a frente, a despeito de

tantas desvantagens? A verdade bíblica fascinou-lhes o coração e os imbuíu do profundo desejo de partilhá-la com os outros. Esses vigorosos evangelistas transmitiram com grande poder a mensagem de conforto, salvação, esperança e reforma de vida. Eles clamaram contra o pecado e apontaram para a alegria de uma vida de obediência à lei de Deus mediante o poder do Cristo que vive. Agora a mensagem e a tarefa pertencem a nós.

Talvez estejamos lutando esta manhã, oprimidos pela tentação, mas o nosso Salvador estende Seu forte braço, querendo livrar-nos do mal e conceder-nos a "vida mais abundante". E com essa redenção e restauração estaremos preparados para Sua vinda.

Crítica do Ponto de Vista Pré-Queda

H. E. Douglass

Pode parecer ao meu colega que a teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia apresenta dois pontos de vista alternativos concernentes à natureza humana de Cristo. Mas o ponto de vista de que Jesus assumiu a natureza pré-Queda, de Adão, apareceu apenas recentemente em nossa Igreja. Essa posição surgiu nos anos 50, durante uma série de acontecimentos que viram reformulados conceitos adventistas básicos. As conseqüências dessas mudanças tiveram muito o que ver com o trauma e as divisões teológicas que a Igreja experimentou nos 30 anos passados.

Sem discutir, concordo que nosso estudo da humanidade do Senhor não é "meramente bizantinismo acadêmico"; que no instante em que a natureza humana de Cristo é entendida, podemos melhor apreciar como "somente Ele pode ser nosso Salvador, ... nosso Exemplo"; que "a missão de Cristo deve determinar a extensão de Sua identidade com nossa humanidade"; que Jesus "imersiu no câncer inativo e final do



pecado, para trazer saúde completa e não Se infectou"; que Jesus "abriu mão do uso de Seus atributos divinos, vivendo como homem autêntico, totalmente dependente de Seu Pai do Céu"; que "apenas em Cristo somos justificados, nunca em nós mesmos"; que "as boas novas são mais do que 'Imite-Me'; que "apenas nesta união dependente pode Jesus ser nosso Homem-modelo"; e que "a verdadeira Cristologia termina, não em debate, mas em aprazível adoração e alegre obediência."

Não obstante, gostaria de saber por que tantas nulidades, implícitas e explícitas, foram imaginadas e usadas como argumentos. Por exemplo: (1) meu colega, diz que seu ponto de vista oferece "uma observa-

ção centralizada em Cristo e não no homem”, significando que qualquer outro ponto de vista deve ser recusado. (2) Ele diz:

“Quem Jesus é determinou a extensão de Sua identidade com nossa natureza humana.” Ao dizer isso, sugere que o milagre de Seu nascimento, em e por si mesmo, leva alguém a aceitar sua posição, que pressupõe certas diferenças constitucionais entre Cristo e os filhos e filhas de Adão. (3) Ele pergunta: “Como foi o bebê Jesus diferente, se nasceu com uma natureza pecaminosa?” Ele sugere que Jesus teria nascido egoísta, etc., se Ele tivesse nascido com a natureza do homem caído. Mas ele não faz distinção entre a bagagem humana herdada e a ação, no interior, da humanidade degenerada pelas conseqüências do pecado. (4) Ele também declara: “Necessitamos de uma escatologia cristológica, mais do que de uma cristologia escatológica”, indicando que sua posição só começa com Cristo.

Não sei de nenhum teólogo adventista que dependa de sua escatologia para determinar a natureza de Cristo. Sistemáticamente, tenho seguido o ponto de vista que meu irmão sugere. Em 1975, escrevi: “Durante séculos grandes temas bíblicos têm sido isolados de sua ligação com Jesus. A maior razão para essa irrealidade é que os pensadores cristãos se tornaram confusos a respeito de Jesus. A má compreensão de quem é Jesus, de onde Ele veio, qual foi Sua missão na Terra e como Se relacionou com todos os homens desde Sua ascensão parece desvirtuar e distorcer todos os outros assuntos da Bíblia.”¹

Estou confuso com duas referências que meu colega faz. Ele cita *Crist Our Salvation*, de Hans La Rondelle como sustentando sua posição, mas o livro citado não o faz. E se refere ao “movimento da carne santa” que atormentou a Conferência de Indiana, na passagem do século. Sua observação aqui é que, se os adventistas sempre cressem no que ele diz com respeito à natureza da humanidade de nosso Senhor, heresias como as do movimento da carne santa não teriam ocorrido. Mas a doutrina sustentada, do movimento da carne santa, era a mesma teoria da Encarnação que meu colega agora desposa. Isto é, a de que Jesus tomou a natureza pré-Queda de Adão. Os membros desse movimento criam que Jesus recebeu de Maria uma natureza física enfraquecida pelo pecado. Mas criam também que Ele recebeu, proveniente do Espírito Santo, a natureza espiritual pré-Queda de Adão e desse modo foi poupado do pleno impacto da lei da hereditariedade.

Nossos líderes de Indiana procuraram aderir a essa “nova” (para os adventistas) teologia com base no conceito adventista de que Deus espera que Seu povo seja vencedor assim como Jesus o foi. Eles raciocinavam que os cristãos sinceros só podem ter erradicada a sua natureza pecaminosa passando pela relativamente instantânea “experiência do Getsêmani”. Então eles também deveriam possuir carne sem pecado como Jesus e assim vencer como Ele o fez.

O Pastor Stephen Haskell, Ellen White e outros acertaram em cheio o coração da heresia. Eles se opuseram a essa nova e estranha doutrina de que Cristo tomou a natureza pré-Queda de Adão e de que Jesus foi exemplo da mesma lei da hereditariedade que afeta a todo filho e filha de Adão.² A compreensão errônea da Encarnação tem resultados práticos muito infelizes, especialmente quando alguém procura harmonizar o erro com a verdade.

Os pontos seguintes carecem de nova consideração:

1. Parece permear o estudo uma inconsistência básica. Por um lado, o autor se esforça para defender o princípio de que o pecado é “um relacionamento interrompido” — o resultado de duvidar de Deus e em seguida desobedecer-Lhe. Por outro lado, o pecado parece quase substantivo. Ele está tão intimamente envolvido com a bagagem genética que Jesus não poderia ter sido “feito em todos os sentidos semelhantes aos Seus irmãos” (Heb. 2:17, R. S. V.). Nem poderia ter nascido “semelhante a todo filho de Adão”, aceitando “os resultados da operação da grande lei da hereditariedade”.³ Talvez nova apreciação da diferença entre o equipamento humano básico (aquilo com que nasce toda criança) e o desempenho espiritual de cada pessoa possa ajudar o dilema do autor. Isto é, Jesus é semelhante a nós no equipamento humano básico, mas diferente de nós no desempenho espiritual, mantendo assim separadas do pecado, as conseqüências do pecado em si.

2. Suponho que a teoria da expiação do autor lhe tenha influenciado a cristologia. Pelo fato de Jesus Se haver tornado homem, parece-me, pode ser entendido apenas do ponto de vista do grande conflito — uma perspectiva grandemente ausente no Protestantismo “ortodoxo”, bem como no Catolicismo. Jesus não veio para satisfazer um Deus ofendido que necessitava de sangue antes de perdoar, ou para provar que Deus podia guardar as leis de Deus, ou ainda que Adão poderia ter continuado obediente. Houve várias questões, mas nenhuma mais

importante do que a acusação de que os filhos e filhas de Adão não poderiam guardar as leis de Deus, de que tais leis eram irrealísticas e não no melhor interesse dos seres criados. Essas questões primárias determinaram a espécie de humanidade que nosso Senhor assumiria a fim de satisfazer a justiça e silenciar a Satanás.

3. O espaço não permite um exame dos textos bíblicos que meu amigo usa. Mas contesto sua maneira de encarar *homoiôma* em Romanos 8:3 e outras passagens; sinterpretação de Romanos 5; sua escolha da tradução do Salmo 51:5 da *The New In-*

ternational Version quando outras versões o traduzem com mais exatidão; sua omissão de outras referências nos Salmos, tais como 22:10 e 77:6; sua interpretação de *monogenês*; e a maneira como trata Hebreus 2:16 e Romanos 1:3.

1. *Perfection* (Nashville: Southern Pub. Assn.; 1975), pág. 13.

2. Ver Stephen Haskell para Ellen G. White, 25 de set. de 1900, e Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 2, págs. 31-39.

3. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, oitava edição, pág. 41.

Como vai a sua igreja?



Há quem diga que a Igreja é perfeita, apesar de constituída por pessoas imperfeitas.

Você já pensou nisso?

Que diagnóstico você faria da sua condição espiritual?

Alguém que faz parte desta Igreja e conhece um pouco de seus problemas já fez um diagnóstico. E indica algumas soluções.

Diagnóstico e Remédio

discute temas como:

As Relações Interpessoais

O Cristão e a Mente

Deus e Nós

Nós e a Igreja

Vida Cristã.

Os remédios estão aí.

As escolhas são por sua conta.



Casa Publicadora Brasileira

Rodovia SP 127 — Km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatui, SP